

Agências do exterior ainda conseguem captar projeto 3

por Adalberto Marcondes
de São Paulo

Vários bancos brasileiros com agências no exterior, que estariam sujeitos a pressões dos credores brasileiros através das linhas de curto prazo, dentro do chamado projeto 3, ainda não constatarem maiores alterações em suas relações com os bancos internacionais. "Nossa situação hoje não é tão confortável quanto nos anos 70", informou o diretor-geral do Banco Real, Paulo Guilherme Monteiro Lobato, ressaltando que as agências brasileiras realmente estão sujeitas a um "spread" um pouco mais pesado. Mas, segundo ele, não há ainda uma demanda reprimida por crédito para as exportações brasileiras.

A opinião do diretor da área internacional do Banespa, Fernando Sefton, é bastante parecida. Ele acredita que qualquer dificuldade para obtenção de linhas no exterior é localizada. Para ele, caso o Banco Central resolvesse atuar formando um "colchão de liquidez" em dólares, os bancos brasileiros ficariam em situação mais confortável. "Mas isso não é imprescindível", afirmou.

O Banespa, segundo Sefton, conseguiu ampliar sua atuação no comércio exterior, passando de uma exposição de US\$ 1,2 bilhão para US\$ 3 bilhões no último ano. Ele acredita que uma medida salutar para o mercado e para o Brasil seria o Banco Central fazer alguma coisa no sentido de impedir ou dificultar que as linhas do projeto 4 — que financiam créditos de médio e longo prazos — migrem para o projeto 3. Ele explica que isso acontece porque o "spread" praticado no projeto 3 — linhas de curto prazo para financiamento de comércio exterior — é maior, dando aos bancos vantagens na utilização do projeto 4.

Outro tipo de operação que os bancos brasileiros estão fazendo no exterior, para facilitar a obtenção de créditos no mercado interbancário, é o que o diretor

de um grande banco definiu como "operação casada". O banco brasileiro apresenta ao banco estrangeiro o contrato de operação comercial que está sendo financiada. O risco passa a ser o da empresa exportadora aliado ao do país comprador, que em alguns casos é menor que o risco do Brasil. Portanto, nestes casos consegue-se um "spread" menor.

A situação do Bradesco, maior banco privado brasileiro, que financia o comércio exterior através de sua agência de Nova York, não é muito diferente dos outros bancos. "Nós oferecemos crédito somente até 180 dias", explica seu vice-presidente, Antonio Bornia. No caso da instituição que dirige, Bornia disse ter notado um certo movimento de pequenos bancos estrangeiros que não renovam suas linhas para o Bradesco. "Mas não podemos afirmar que isso não seja uma movimentação normal de mercado, não sabemos se é apenas a bus-

ca por uma remuneração melhor, problemas com o Bradesco ou com o Brasil", informou o vice-presidente.

"Existem bancos estrangeiros diminuindo os prazos e elevando o spread", disse Bornia, mas ressaltou que a demanda por crédito para a exportação ainda não está sendo reprimida e citou como exemplo o caso de seu banco, que ainda dispõe de créditos a oferecer.

Uma possível atuação do Banco Central para atender à eventual falta de liquidez em dólares de agências de bancos brasileiros no exterior é encarada de maneira distinta por vários bancos. Se por um lado eles acreditam que isso serviria para dar mais espaço para que os bancos possam atuar, por outro existe a preocupação com o comprometimento das reservas do País em operações que não poderiam ser saldados antes de um determinado prazo. Fernando Sefton, do Banespa, observou que o Banco Central já

atuiu no interbancário injetando dinheiro em agências brasileiras no exterior no passado. Isso, portanto, não seria novidade.

Tanto Sefton quanto Monteiro Lobato, do Real, acreditam que a solução global do problema da dívida externa é que equacionará definitivamente qualquer problema com linhas de crédito. Monteiro Lobato ressaltou que os movimentos do governo brasileiro em relação à liberação do mercado estão sendo bem vistos no exterior e "deverão contribuir para a diminuição do risco representado pelo Brasil para os bancos credores".

Mas o diretor do Unibanco, Flávio Veras, alerta que o mercado é muito competitivo e cheio de restrições. Apesar de seu banco não estar encontrando problemas de captação, isso não significa que estes problemas não poderão existir no futuro. "Mas a utilização das reservas do País não é uma solução de longo prazo", conclui.